

História, literatura e cultura nas ondas do rádio:

Oswaldo Moles na PRH-9 Rádio Bandeirantes¹

Bruno Domingues Micheletti²
Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Resumo

Entre os anos de 1950 até 1955, o radialista Oswaldo Moles deixa a PRB-9 Rádio Record de São Paulo e a parceria com Adoniran Barbosa, na busca por uma emissora que lhe devolvesse a liberdade criativa, encontrando esse espaço na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Nesta emissora ele cria, entre outros, programas como o História da Literatura Brasileira, que teve Sérgio Milliet, Oswald de Andrade e outros modernistas como colaboradores; e Museu do Ipiranga, com os dados históricos fornecidos e supervisionados por Sérgio Buarque de Holanda, na época em que este foi diretor do Museu Paulista. Neste período, Oswaldo Moles também integra a equipe de implementação do Sistema RB-55, responsável por integrar os blocos comerciais na grade de programação, sendo este modelo replicado e aperfeiçoado por todas emissoras de rádio e posteriormente de televisão existentes no Brasil.

Palavras-chave: Rádio; Oswaldo Moles; PRH-9 Rádio Bandeirantes; Sistema RB-55; História dos meios.

Rádio no Brasil: a proposta de ser educativo e disseminador da cultura

Roquette Pinto, responsável pela primeira emissora de rádio brasileira³, idealizava uma rádio “educativa popular, de fácil acesso à maioria da população e com o rádio ajudando a resolver o problema educacional do país” (MOREIRA, 2000, p. 23), no entanto a programação das primeiras emissoras do país era repleta de conferências, palestras, aulas, óperas e músicas clássicas, que aliada ao alto custo dos primeiros aparelhos tornam o meio acessível apenas para a elite da época. Nos anos 1920, o rádio no Brasil se configura como replicador da ideologia dominante, com uma visão elitista que descarta o popular e pretende

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista, Mestre em Comunicação (UNIP) e Doutorando em Jornalismo na Universidad Complutense de Madrid (UCM). E-mail: brunomicheletti@gmail.com.

³ Muitos pesquisadores consideram que a estreia oficial do Rádio no Brasil acontece no dia 7 de setembro de 1922, junto as comemorações do primeiro Centenário da Independência e a primeira estação de rádio foi inaugurada no ano seguinte, quando em abril de 1923, Edgard Roquette Pinto e Henrique Morize fundam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No entanto, o padre gaúcho Roberto Landel de Moura, em seus experimentos, já havia realizado a transmissão da voz humana em aparelhos sem fio desde o final do século XIX e a Rádio Clube de Pernambuco reivindica o lugar de pioneira do rádio com documentos datados de 1919 (Saroldi in OLIVEIRA, 2009).

disseminar a cultura erudita, aceita como detentora de grande valor. Somente aos poucos é que a programação foi se adaptando para irradiar programas populares, proporcionando espaço para “cantores e compositores de sucesso na época, além de incluir programas para públicos distintos como, por exemplo, o infantil” (MOREIRA, 2000, p. 22).

Demorou quase uma década e o fim da República Velha com a chegada de Getúlio Vargas ao poder na Revolução de 1930, para que a legislação fosse alterada e o rádio pudesse ser capitalizado com a veiculação de anúncios publicitários. Com uma diretriz populista e ditatorial, Getúlio Vargas tem interesse que o meio se desenvolva para divulgar ideologicamente as ações de seu governo. Com isso, o decreto nº 21.111, datado de 1 de março de 1932, regulamenta a veiculação das publicidades, permitindo o desenvolvimento comercial das emissoras. Entre as décadas de 1930 e 1940, consagra-se a “época de ouro” do rádio que passa a fazer parte do dia a dia das pessoas, tornando-se, até o final dos anos 1950, “peça obrigatória em quase todos os lares, dos mais ricos aos mais pobres” (NAPOLITANO, 2008, p. 13). Com o passar dos anos, o meio perde as raízes iniciadas por “moralistas e educadores mais sisudos, por um rádio educativo, veiculador tanto de uma cultura superior europeizada quanto da cultura nacionalista folclorizada” (NAPOLITANO, 2008, p. 14). A entrada da publicidade permite o pagamento de cachês aos artistas, por parte das emissoras, e os programas passam a ser produzidos conforme o interesse da área comercial.

Instaurada a ditadura militar com o golpe de 64, o “governo vislumbra exatamente na proposta da educação a distância pela radiofonia um dos principais canais para a divulgação e formação da opinião pública a favor de suas ideias” (ZUCULOTO, 2010, p. 2). Valci Zuculoto define as décadas de 1970 e 1980 como a “época de ouro do rádio educativo estatal”, período em que as emissoras públicas contavam com uma programação voltada para o ensino e educação não formal, baseada em políticas públicas e projetos como o Minerva ou o SINRED – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa. Apesar disto, a ditadura militar também proporciona um cenário de afastamentos, demissões, rupturas drásticas de linhas de programação e censura.

Especialmente a partir dos anos 80, as grades começam a exibir programas que se não conseguem efetivamente, pelo menos nas suas linhas editoriais buscam estimular a prática da cidadania e tratar de temas mais relacionados com a realidade social de seus públicos. Observamos ainda neste resgate que, em algumas das rádios investigadas, causas políticas levaram à destruição de acervos e ao desestímulo de manutenção das suas histórias específicas. Mas notamos também motivos culturais, principalmente o de não ver importância em conservar

as construções históricas, muito menos de recuperá-las ou resgatá-las com o objetivo de entender o presente e projetar o futuro. (ZUCULOTO, 2010, p. 13)

Decretado seu fim em diversos momentos, como do advento da televisão e recentemente da internet, o rádio continua vivo, no entanto, sua história e projetos são descontinuados, principalmente em relação a cultura e uma radiofonia democrática. Aliás, no Brasil, é problemática e complexa a urgente necessidade de democratização de todos os meios de comunicação e não apenas do rádio (MARQUES DE MELO; SATHLER, 2005). Ao longo dos anos a produção radiofônica gerou um gigantesco patrimônio, mas que em grande parte continua disperso, muitas vezes engavetado nas casas de familiares dos primeiros radialistas, ou mesmo são descartados e perdidos com o passar dos anos. Venho trabalhando em minha tese doutoral, com a hipótese de que este patrimônio radiofônico, que necessita urgentemente de políticas públicas e iniciativas para sua preservação, pode ser gerida por empresas do setor, instituições culturais ou governamentais gerando resultados positivos tangíveis e intangíveis, se por exemplo, for integrado a museus e fonotecas.

Neste artigo, resgato o caráter educativo e cultural dos programas criados por Osvaldo Moles⁴ entre os anos de 1950 até 1955, período de sua passagem na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Os dados apresentados compreendem um recorte da pesquisa realizada no mestrado em Comunicação (MICHELETTI, 2015). Por meio do pioneirismo de sua obra, Osvaldo Moles traz relevantes contribuições para o rádio, jornalismo, literatura, cinema, publicidade e marketing político. Sua trajetória – que por vezes se mistura com a própria história de alguns meios de comunicação paulista e, mesmo, com o desenvolvimento da cidade de São Paulo ao longo do século XX – mostra como este foi um profissional multimeios, integrando seu trabalho às novas tecnologias, conforme estas passam a ser

⁴ Osvaldo Moles nasce na cidade de Santos, no dia 14 de março de 1913. Filho de Antonio Moles e Emilia Prisco, teve uma irmã, Pascoalina Moles. Pouco se sabe sobre sua infância e família, contudo, provavelmente foi descendente de imigrantes italianos e teve uma infância pobre. Foi casado com Maria de Lourdes Ramos Ferri Moles, jornalista pioneira na crítica de cinema e da página feminina do Correio Paulistano que ficou conhecida pela alcunha de Anita Ramos. O casal não teve filhos. Sua trajetória profissional começa cedo, aos 16 anos trabalha no Diário Nacional, periódico que empregava nomes como Mário de Andrade e Sérgio Milliet, sendo a voz oficial do Partido Democrático (PD), formado por dissidentes do Partido Republicano Paulista (PRP). Anos depois trabalha no Correio Paulistano, que se constituía como a voz oficial do PRP. Ainda jovem, viajou pelo nordeste e morou um tempo em Salvador, escrevendo neste período sobre a vida dos nordestinos. No rádio, veículo que o consagrou, participou em 1937 da estreia da PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo. No ano de 1941 seguiu para a PRB-9 Rádio Record e entre os anos de 1951 até 1955, trabalhou na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Depois retornou para a Record onde trabalhou até o fim de sua vida. No cinema escreveu com Miroel Silveira, o roteiro de dois filmes premiados e dirigidos pelo cineasta Alberto Cavalcanti: "Mulher de Verdade" e "Simão, o caolho". Ganhador de 11 troféus Roquette Pinto e muitos outros prêmios, Moles também fez a campanha de venda das cadeiras cativas do "Estádio do Cícero Pompeu de Toledo", o que permitiu a arrecadação necessária para construção do estádio, além de assessorar o ex-governador de São Paulo Laudo Natel, quando este entra para a política. No ano de 1967, Osvaldo Moles comete suicídio. Sua morte é pouco divulgada pela imprensa e logo seu nome cai no ostracismo.

utilizadas. Considerado sucessor de Antônio de Alcântara Machado na literatura paulista, consagrou-se na PRB-9 Rádio Record de São Paulo⁵ a partir dos anos 1940. Nesta emissora, logo percebeu o potencial cômico de Adoniran Barbosa, criando dezenas de programas, personagens e algumas letras de músicas que fizeram sucesso na voz do sambista "ítalo-caipira-paulistano".

PRH-9 Rádio Sociedade Bandeirante de Radiodifusão: do nascimento ao Cedom

A PRH-9 Rádio Bandeirante de Radiodifusão, hoje conhecida como Rádio Bandeirantes⁶, foi criada por José Nicolini e sua primeira instalação oficial é datada do ano de 1936, mas sua fundação só acontece no ano seguinte, no dia 6 de maio de 1937 (ADAMI, 2014, p. 101). Durante muito tempo, o slogan da emissora foi “A mais popular emissora paulista”, sendo este o preferido de João Saad⁷, dono da emissora a partir do ano de 1948. Atualmente, o slogan utilizado é “A rádio que tem opinião” (JUNIOR, 2015, p. 37) e seus estúdios estão localizados no bairro do Morumbi, junto ao complexo do Grupo Bandeirantes de Comunicação. A primeira sede da emissora estava localizada na rua São Bento, 265, no Centro de São Paulo. Ainda na região central da cidade, seus estúdios passaram para a rua Líbero Badaró no final dos anos 1940 e na sequência para a rua Paula Souza, onde permaneceram até o ano de 1965, só então seguindo para sua sede atual

⁵ A Rádio Record começa suas atividades em data incerta no final dos anos 1920. Em 1930, a emissora é comprada junto a outros sócios por Paulo Machado de Carvalho e em 1932 garante seu lugar na história ao apoiar a causa paulista na Revolução Constitucionalista de 1932. A Rádio Record de São Paulo nasce com o prefixo “PRA-R”, mas logo após os conflitos de 1932 seu prefixo muda para “PRB-9”. Com slogans ufanistas como “A Maior” ou “A que é por que é”, foi pioneira em diversas frentes, trazendo artistas consagrados como Luiz Gonzaga e Carmem Miranda para seus estúdios. É nesta emissora que Osvaldo Moles se consagra como grande produtor radiofônico a partir da década de 1940, criando programas e personagens com uma forte ligação paulista, que representaram as rápidas mudanças urbanas desta capital, conforme aponta Matos (2001) ao analisar o desenvolvimento da cidade representado na voz de Adoniran Barbosa e conseqüentemente na obra de Osvaldo Moles.

⁶ Atualmente a Rádio Bandeirantes integra a Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão e pertence ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, que é responsável por 23 empresas, sendo presidida por João Carlos Saad, conhecido como Johnny Saad.

⁷ João Jorge Saad (1919-1999) nasce na cidade de Monte Azul Paulista, interior de São Paulo. Descendente de árabes, seguiu com a família, os pais Jorge João Saad e Raquel Amate Saad e mais quatro irmãos, para a cidade de São Paulo no ano de 1924. Na capital paulista, seu pai abre uma loja de venda de atacado de tecidos no Centro, situada na rua 25 de março, esquina com a ladeira Porto Geral. Ainda jovem, João Jorge Saad passa a trabalhar na loja de seu pai e no ano de 1940 assume a representação comercial da empresa, viajando por diversos estados do Sul e Sudeste brasileiro para vender tecidos. Obtém grande êxito financeiro nesta atividade. No ano de 1947, casa-se com Maria Helena de Barros, filha do então governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, de quem irá “herdar” a Rádio Bandeirantes (JUNIOR, 2015, p. 44).

(ADAMI, 2014, p. 102). A sucessão no comando da Rádio Bandeirantes acontece da seguinte forma:

Em 1945 a emissora é adquirida por Paulo Machado de Carvalho, para se juntar à rede das “Emissoras Associadas”, composta por Rádio Record, Panamericana (mais tarde Jovem Pan), São Paulo, Excelsior e Difusora Hora Certa de Santo Amaro. Em 1947, Paulo Machado de Carvalho vende sua participação para o então governador eleito de São Paulo, Adhemar de Barros e, em 1948, a rádio passa para João Saad, genro de Adhemar (ADAMI, 2014, pp. 101–102).

Cláudio Junqueira Braga Junior (2015) explica que Adhemar de Barros inicialmente teve motivações políticas para a compra da emissora, que neste momento ainda não era um negócio lucrativo, passando a seu genro a responsabilidade e o desafio sobre a gestão do novo projeto.

A concessão era de Paulo Machado de Carvalho, das Emissoras Associadas que a vendeu para Adhemar de Barros, governador de São Paulo na época. Ele adquiriu a emissora com fins políticos e em 1947, como a rádio não estava bem, Adhemar incumbiu o genro, João Jorge Saad, de administrá-la. Saad, que na época era do ramo imobiliário e havia comprado fazendas para se dedicar ao gado leiteiro – e, até então, não havia tido nenhum negócio na área da comunicação – não se interessou muito, mas aceitou o desafio. A vida de Saad começava a mudar neste momento: ele viria a se transformar em um homem de rádio e, posteriormente, de televisão. Estruturou a rádio, contratou vários profissionais e saneou as finanças. O empreendimento começou a se tornar rentável. Com a boa gestão e a empresa crescendo, Adhemar de Barros ofereceu a rádio para o genro. João Saad aceitou a proposta e assumiu de vez a Rádio Bandeirantes em 1º de julho de 1948 (JUNIOR, 2015, p. 40).

Segundo Antonio Adami (2014, p. 102), a partir dos anos 1950, a Rádio Bandeirantes passa a ser a “mais bem sucedida das emissoras paulistas na transição da era da programação ao vivo para a era do disco e do radiojornalismo”. Nesta década, a equipe de esportes “capitaneada pelos locutores Pedro Luís e Edson Leite, registra recordes históricos de audiência durante a a Copa do Mundo de 1958 e, de lá para cá, mantém uma grande equipe e uma bela história no rádio esportivo.” Por ela, já passaram centenas de profissionais, tornando-a “uma das mais importantes escolas de rádio do país”.

Jornalismo e esportes, principalmente o futebol, sempre pautaram a Rádio Bandeirantes que no ano de 1990, é mais uma vez pioneira, sendo a primeira emissora de rádio brasileira a transmitir sua programação via satélite. Em entrevista realizada por Cláudio Junqueira Braga Junior (2015), no dia 3 de fevereiro de 2015, o presidente Johnny Saad relata a dimensão internacional da Rádio Bandeirantes e fala da importância desta emissora para o Grupo Bandeirantes de Comunicação:

Ela continua sendo uma empresa de suma importância. Ela ainda é uma operação bastante grande. A RB, assim como as outras rádios (do grupo), se modernizou muito e dentro desse mundo digital, que o rádio entrou, o rádio está dentro do celular, dentro da Internet, tá dentro de todo esse espectro novo que está aí. Como isso o rádio rompeu também suas frequências. A RB não tinha fronteira e não tem fronteiras por quê? Porque ela tinha e tem três ondas curtas. Coisa que as outras rádios, a grande maioria não tem, e as que tinham a grande maioria já devolveu. A RB mantém em funcionamento 25 metros, 31 e 49 metros. Então você pode captar essas ondas na África, na Ásia, na Oceania, onde você estiver. Mas com o advento da telefonia portátil, com o celular, com a Internet, você também pode acompanhar a RB aonde você tiver vontade e isso deu a ela essa amplitude mundial. Então você encontra e tem a resposta de ouvintes em tudo quanto é canto do Brasil e do exterior (SAAD in JUNIOR, 2015, p. 45).

Em pesquisas preliminares, pude constatar que no âmbito do mercado radiofônico existem poucas iniciativas para a preservação da história do rádio. Entre estas, é possível citar a campanha de crowdfunding⁸ para publicação do livro 89FM A História da Rádio Rock do Brasil, no entanto, o acervo sonoro desta emissora continua indisponível para os ouvintes. Já a rádio Bandeirantes possui um Centro de Documentação (Cedom) com um importante e histórico acervo sonoro, porém seu uso permanece restrito aos funcionários da emissora, sendo negado inclusive, todos os pedidos de acesso para os ouvintes e até para a comunidade científica.

O Cedom consiste em uma pequena sala de aproximadamente 50 metros quadrados no terceiro andar do edifício sede da Bandeirantes, em que estão armazenadas relíquias em áudio que contam parte da história da cidade, do Estado, do País e dos grandes acontecimentos internacionais das últimas décadas. Há de tudo: das mais expressivas partidas de futebol de Copas do Mundo a discursos de posse de ex-presidentes da república. São centenas de fitas de rolo que eram usadas nas décadas passadas para gravar o áudio que era transmitido pela emissora, com milhares de horas de gravação. Todo esse material está acondicionado cuidadosamente em prateleiras metálicas e devidamente identificado para facilitar a consulta. Uma parte dos dispositivos, com cerca de 6200 horas, já passou pelo processo de digitalização. Desse total, quase 3000 horas de áudio recuperado, equivalente a 190 CDs, já estão disponíveis para veiculação. De acordo com Milton Parron, coordenador do Cedom, parte do acervo ainda não foi digitalizada, o que corresponde a aproximadamente 8000 horas. (JUNIOR, 2015, p. 30)

Cláudio Junqueira Braga Junior (JUNIOR, 2015, p. 36) que teve acesso privilegiado ao acervo para sua pesquisa sobre o programa jornalístico O Pulo do Gato, por ter sido funcionário da Rádio Bandeirantes, relata que a estrutura destinada ao Cedom já foi melhor, mas a ampla sala que abrigava o acervo, hoje encontra-se dividida para receber também a discoteca da emissora. O capital humano, fundamental para o processo de digitalização, que

⁸ A campanha lançada pela plataforma de financiamento coletivo Cartase.me, ainda que teve o apoio da emissora, não alcançou a meta desejada sendo necessário o lançamento de uma nova campanha com uma meta reduzida para publicação do livro em menor tiragem. As duas campanhas de *crowdfunding*, assim como o lançamento do livro escrito pelo jornalista Ricardo Alexandre aconteceu no ano de 2014.

já era pequeno e contava com apenas dois estagiários e dois operadores de som, atualmente, emprega apenas o radialista Milton Parron, coordenador do Centro de Documentação e um dos idealizadores do projeto.

Oswaldo Moles na PRH-9 Rádio Bandeirantes

No final de 1949, apesar de aplacar um sucesso atrás do outro, Oswaldo Moles encontra-se insatisfeito na PRH-9 Rádio Record de São Paulo. Acreditando no potencial do rádio e inconformado com o estigma de meio com menor valor, ele deseja desenvolver melhor a linha de programas de caráter cultural - que ele chama de rádio adulto - como as iniciativas dos programas "Retrato de Minha Terra" e "Nossa Cidade". Em 1949 chegou a lançar o "Universidade Record" - "A única universidade em que todos se formam pela frequência modulada"-, mas a demanda da Record exigia a produção cada vez maior de humorísticos de sucesso, deixando o radialista sem espaço para desenvolver novas ideias, o que contribuiu para que Moles saísse da "Maior". O colunista Mário Júlio publica em 08 de abril de 1952, na coluna "Rádio de São Paulo", da "Revista do Rádio", que Moles "continua(va) declarando que tem ressentimento de nunca haver alcançado sucesso com seus programas de sátira à podridão reinante".

Em uma entrevista para o periódico Radar, datada de fevereiro de 1951, Moles fala sobre a "morte das ideias que nunca foram aquilatadas nem avaliadas naquilo que elas procurariam ter de eminentemente radiofônicas. Semeei sempre no terreno da indiferença". Segundo o radialista, durante sete meses ele tentou ter a atenção da direção da Record, que não lhe deu ouvidos, já que seus programas seguiam fazendo sucesso. Só quando os dirigentes da Record perceberam que Moles - após trabalhar por uma década na emissora - resolve mesmo sair, é que eles foram atender suas reivindicações, porém nessa mesma entrevista, Moles revela que "houve até o que se pode chamar de entendimento, mas achei que já era muito tarde e saí. Pode crêr que isso me custou mais do que se pensa." Fora da poderosa PRB-9 Rádio Record, Oswaldo Moles recebe propostas de todas as emissoras paulistas e torna-se assunto especulativo dos boatos radiofônicos. Sem precipitação, Moles termina o ano de 1950 sem contrato definido com nenhuma rádio.

No ano seguinte, Oswaldo Moles estreia na PRH-9 Rádio Bandeirantes, com a liberdade criativa que desejava para poder experimentar novas fórmulas em seus programas radiofônicos. O Jornal de Notícias, datado de 22 de fevereiro de 1951, traz na coluna Rádio, sob o título de Ronda dos prefixos, a informação que Oswaldo Moles assinou contrato de

dois anos com a PRH-9 Rádio Bandeirantes, com estreia programada para o dia 8 de março. Segundo o jornal, o programa inaugural teria início às 20 horas e ofereceria "ao público ouvinte o trailer de três programas que já estão prontos para iniciar a sua carreira no ar". No dia seguinte, no mesmo jornal, Mário Júlio conta que ao chegar na redação, recebeu um telefonema de Osvaldo Moles convidando-o para ir até os estúdios da PRH-9, localizado na rua Paula Souza.

"Moles, quando está disposto é um conversador que domina e absorve a atenção da gente e logo de chofre ele foi dizendo: 'A Bandeirantes é uma estação que me parece uma das mais avançadas de S. Paulo, principalmente porque os seus dirigentes e os seus dirigidos querem uma coisa acima de tudo: - fazer bom rádio'", escreve Mario Julio. A reportagem continua com Moles explicando que naquela emissora era possível fazer "qualquer tipo de programa, desde a radiofonização da bíblia até o diálogo pitoresco da rua" e que os programas da Bandeirantes serão "rigorosamente novos". Segundo Moles, os antigos modelos de programas deveriam ser "deixados para traz, na poeira do passado". Ele ainda disse que as fórmulas radiofônicas deveriam ser estudadas para que os ouvintes pudessem apreciar um espetáculo "agradável e proveitoso". (Mario Júlio apud. MICHELETTI, 2012, p. 175).

No dia 8 de março de 1951 Osvaldo Moles faz sua estreia na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Com patrocínio do "Sabão Tesouro - O sabão que vale ouro", o programa "Ritornelo da Rua Paula Souza - Este é o programa que marca a estréia de Osvaldo Moles na Rádio Bandeirantes!..."⁹ é transmitido pela emissora. Jingles e sons da orquestra chamam a atenção do ouvinte e os radioatores Darcio, Maristela, Amaro Cesar, Fernando, Gessy Fonseca e Aramis Dalla Torres participam da irradiação.

EU SOU O PROLOGO! E ser o prólogo é sofrer a angustia de estar fora da tragédia, sem poder fugir dela! É ser como um prometeu no Caucaso do Palco! Ser prólogo é ficar à margem do drama, padecendo, padecendo! Mas o espetáculo vai começar e todos querem rir...

(GARGALHADA DRAMATICA)

Sim! Hoje temos espetáculo

(NO RITMO)

COM RISOS COM LAGRIMA

TRAGEDIA OU COMEDIA

TRISTEZA ALEGRIA

COM MORTE COM VIDA

SIM! RESPEITAVEL PUBLICO! VAI COMEÇAR O ESPETACULO!

(ORQUESTRA GLISSANDO QUE EMENDA COM "SOMOS DA RUA

PAULA SOUZA")

⁹ Em 2012 o radialista Marcelo Abud teve acesso comigo aos roteiros originais de Osvaldo Moles preservados por sua sobrinha neta Beatriz Savonitti, sendo este programa escolhido para ser adaptado e entrar no ar ao vivo em adaptação feita no bloco "Interferência" do programa "Você é curioso?" apresentado por Marcelo Duarte e Silvania Alves na Rádio Bandeirantes. Na ocasião também foi ao ar um áudio em que eu falo mais sobre o Osvaldo Moles e sua trajetória profissional. Disponível em: http://radiobandeirantes.band.uol.com.br/player/?LNK=http://www.radiobandeirantes.com.br/audios_rb/12_09/120901_cur_podcast.mp3. Acesso em: 15 jan. 2013.

Darcio: Muita gente diz que a Paula Souza é apenas uma Broadway dos cereais. É uma Wall Street das lentilhas e do sabão. Mas, senhores e senhoras, essa gente está muito enganada. A rua Paula Souza tem feijão... mas também tem sonho. Reparem bem se não é humana – humaníssima – uma rua que tem destino de gente: - vive, palpita, cresce, sofre, vibra... E quando a gente pensa que ela vai virar santa – SANTA ROSA = ela se suicida atirando-se ao Rio Tamanduatei. Não. Nem só de batatas vive esta rua temperamental. Ela também vive de dramas, de comédias, de tragédias, de romancêcos cotidianos... Por isso é que ...

Maristela: ... a esta tresloucada rua que se atira ao rio, no desespero de sua última curva, é que dedicamos um programa de rádio.¹⁰

Na listagem a seguir, apresento os 24 programas criados por Osvaldo Moles para a PRH-9 Rádio Bandeirantes de São Paulo que cataloguei em pesquisa realizada em diferentes fontes documentais, com destaque para a biografia de Adoniran Barbosa escrita por Celso Campos Junior (2009) e a Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Destaco que esta não é uma listagem completa e exaustiva, compondo apenas uma amostra do trabalho deste radialista para esta emissora. Ressalto ainda que os anos indicados servem como referência a época em que os programas foram veiculados conforme indicação da fonte em que encontramos a informação, não sendo necessariamente a data da estreia e/ou fim da atração, ou seja, não temos conhecimento exato do tempo em que cada atração permaneceu no ar.

Quadro 1: Listagem de programas criados por Osvaldo Moles para a Rádio Bandeirantes

Rádio	Programa	Ano	Informações adicionais sobre os programas
PRH-9	Ritornelo da Rua Paula Souza	1951	Elenco: Darcio; Maristela; Amaro Cesar; Fernando; Gessy Fonseca; Aramis Dalla Torres.
PRH-9	Museu do Ipiranga	1952/53	No ar: quinta-feira às 20h30. Música: Maestro Benjamin Silva Araújo. Elenco: Gessy Fonseca; Aramis Dalla Torre; Lucília Freire; Amaro Cesar; Dulcemar Vieira.
PRH-9	História da Literatura Brasileira	1952	Música: Renato de Oliveira.
PRH-9	Museu de Arte	1951	Música: Evaldo Rui.
PRH-9	Marco Zero	1953/54	No ar: quarta-feira às 21h. Elenco: Dircinha Costa.
PRH-9	Lotação para a música	1954	
PRH-9	Terra dos Bandeirantes	1951	
PRH-9	Largo do Paissandu	1951	No ar: segunda-feira às 20h.
PRH-9	Carrousell	1951	No ar sexta-feira às 20h30h.
PRH-9	Expressinho	1951	
PRH-9	Secção de Crítica	1952/56	
PRH-9	O estalo de São Paulo	1955	
PRH-9	Em cima da Hora	1951	
PRH-9	Que boa história	1951	
PRH-9	Os Sertões	1951	No ar: quarta-feira às 20:30h.
PRH-9	A resenha do ridículo	1952	

¹⁰ Trecho do programa "Ritornelo da Rua Paula Souza - Este é o programa que marca a estreia de Osvaldo Moles na Rádio Bandeirantes!...". Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

PRH-9	História da Cadeia Pública de São Paulo	1952	
PRH-9	Beco da Felicidade	1952	Música: Silvio Mazzuca; Mary Duarte; Dircinha Costa; Olga Silvia; Titulares do Ritmo; Mário Martins; Elenco: Amaro Cesar; Aramis Dala Torre; Zezinho Cotulo; Rute Schela; Henrique Lobo.
PRH-9	A vida através do Para-Brisa	1952	Elenco: Iaiá Vasconcelos.
PRH-9	A Farmácia da Minha Rua	1952	
PRH-9	História de Cangaceiros	1952	
PRH-9	Alameda do Sorriso	1952	No ar: terça-feira às 21h30.
PRH-9	Nossa luta por uma escola de samba	1953	
PRH-9	O expresso da Alegria	1953	

Fonte: Listagem adaptada do apêndice III da dissertação de Mestrado, Osvaldo Moles: o legado do radialista (MICHELETTI, 2015, pp. 233–242).

Programas como Um Show Musical comandado pelo maestro Silvio Mazzuca e Largo do Paissandu - este, que Osvaldo Moles brinca ao declarar que fez só para provar que pode, “também, escrever coisas fraquinhas” - são programas populares, que nas mãos de Moles são sucesso garantido de audiência. No entanto, outros programas que ele cria para a Rádio Bandeirantes e que, a princípio são vistos com desconfiança pela qualidade do conteúdo a ser irradiado, merecem a atenção neste artigo. A seguir, apresento a descrição de três desses programas: Terra dos Bandeirantes, Museu do Ipiranga e História da Literatura Brasileira.

Terra dos Bandeirantes: uma São Paulo lírica e romântica

Terra dos Bandeirantes figura entre os primeiros programas que Osvaldo Moles produz na Rádio Bandeirantes em sintonia com a proposta de experimentar novas maneiras de fazer rádio. Os quadros do programa contam costumes antigos e contemporâneos de São Paulo, denunciando o desenvolvimento da cidade e apresentando variedades que a coluna “Ronda” da Revista do Rádio diz conduzir “sempre para o alto nível que caracteriza o rádio adulto”¹¹. Segundo a revista, Terra dos Bandeirantes representa “o que melhor se pode desejar em matéria de rádio”, com “conteúdo elevado, substanciosos e acentuadamente culturais, aqueles programas que fogem por completo da vulgaridade e que costumam satisfazer em tudo e por tudo o paladar mais exigente do público ouvinte.”

Como exemplo, segue transcrito um trecho do programa:

¹¹ Ronda. Revista do Rádio, Rio de Janeiro, 22 mai. 1951, p.37. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4386> Acesso em: 18 ago. 2014.

- Como é que você falaria então, dessa chegada da lua que o grande almoço do dia incluiu no menu. Numa fatia larga de melão de prata, despertando apetite daqueles que sonham.
- Eu diria que, às 8 horas da noite, a lua parece um remendo branco na calça azul do céu.
- Isso é porque não conhece a praça da República. Venha comigo e eu vou dizer pra você o que é a floresta dos homens esquecida. É ali que Álvares de Azevedo acorda depois da meia noite:
'Descansem o meu leito solitário / Na floresta dos homens esquecida, / À sombra de uma cruz! E escrevam nela: Foi poeta, sonhou e amou na vida.'
- Sem dúvida, essa é a voz de Álvares de Azevedo, que já morreu em seus últimos ecos nessa selva de cimento armado que se chama A Terra dos Bandeirantes.
- Não, Álvares de Azevedo deixou seu espírito palpitando em cada galho de árvore, em cada mourão de cerca, em cada jardim da cidade. Até mesmo nas ruas novas que se abrem para os Cadilacs 51.
- Bem, eu quero ver essa cidade carregada de Lirismo. Quero ver se a noite é possível silenciar as máquinas registradoras que batem no coração dos homens de negócios.
- Pois pegue na minha mão, como quem pegasse na mão de uma estrela da constelação de Aldebarã. Veja agora, veja lá em cima as Três Marias em fila.
- De certo as Três Marias estão na fila da via láctea, esperando o leite que a mão da noite vai ordenhando.
- E olhe agora para esta rua Tabatinguera que sai da Glória. As casas todas tem mais de cinquenta anos. E a cinquenta anos...
(musica)¹²

Museu do Ipiranga: Aulas de história irradiadas de maneira divertida

Também lançado no ano de 1951, o Museu do Ipiranga¹³, conta com a participação de Sérgio Buarque de Holanda¹⁴ na supervisão dos dados apresentados na atração. Se o Museu do Ipiranga é até hoje um dos mais importantes da cidade de São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda, seu diretor no início dos anos 1950 não foi menos importante para o entendimento da moderna historiografia e ciências sociais brasileiras. Sua primeira obra, "Raízes do Brasil", publicada em 1936, revela através do método de análise e da sensibilidade para escolha dos temas, uma nova maneira de ver o Brasil. Inclusive, para muitos, as ciências sociais brasileiras não seriam as mesmas, sem esta obra de Sérgio

¹² Transcrição de um episódio do programa Terra dos Bandeirantes. Áudio gentilmente cedido pelo prof. Marcelo Abud.

¹³ O nome oficial do Museu do Ipiranga é Museu Paulista. Localizado no bairro do Ipiranga, têm seu acervo pertencente a Universidade São Paulo (USP) desde 1989 e atualmente sua coleção abriga mais de 125 mil objetos com enfoque na história da independência do Brasil - que aconteceu naquele mesmo local, as margens do rio Ipiranga em 7 de setembro de 1822 - e na história de São Paulo, tendo inclusive o Museu Republicano "Convenção de Itu" como uma extensão da entidade, localizado na cidade de Itu, interior do estado de São Paulo.

¹⁴ Sérgio Buarque de Holanda, pai do cantor e compositor Chico Buarque de Holanda, foi docente em diversas universidades e autor, entre outros, dos livros "Cobra de vidro" (1944), "Caminhos e Fronteiras" (1956), "Visão do Paraíso" (1958). Amigo pessoal de Vinícius de Moraes e de diversos artistas e intelectuais de sua época, Sérgio Buarque de Holanda faleceu em 1982 e sua biblioteca pessoal, composta por 8513 livros, 227 títulos de periódicos, 600 obras raras e 74 rolos de microfilme, fazem parte hoje, da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Buarque de Holanda e outras duas: Casa-Grande & Senzala (1933), de Gilberto Freyre e Formação do Brasil Contemporâneo (1942), de Caio Prado Júnior.

Para este programa, Osvaldo Moles escreve dramatizações de fatos marcantes da história de São Paulo, do Brasil e por vezes do Mundo. Para interpretação dos acontecimentos, os principais radioatores da Bandeirantes eram convocados. Gessy Fonseca, Aramis Dalla Torres, Lucília Freire, Amaro Cesar, Dulcemar Vieira, entre outros, protagonizavam a história que tinha o maestro Benjamin Silva Araújo no comando da parte musical. Patrocinado por uma fábrica de Ribeirão Preto, o programa teve o oferecimento do Conhaque Ipiranga e entrava na grade de programação todas as quintas-feiras às 20h30. Quando o enredo navegava por áreas mais clássicas, sopranos e barítonos como Airton Farias e Aida Salerno participavam do programa. Foram quase dois anos no ar, até que em 1953 a atração chega ao fim, devido à mudança de Sérgio Buarque de Holanda para a Itália, convidado a trabalhar na Universidade de Roma.

Na transcrição do trecho do programa a seguir, Osvaldo Moles lembra mais um momento pitoresco da chegada do progresso na cidade de São Paulo. Mostrando como os habitantes da cidade, inicialmente rechaçaram a chegada da água encanada, pois, na época, tinham água gratuitamente fornecida por chafarizes instalados em praças da cidade. Osvaldo Moles cria tipos com diálogos que parecem reais, como neste exemplo, o senhor conversando com a dona de casa, ou nos manifestantes, a voz de um homem indignado com a destruição dos chafarizes da cidade. São programas que ensinam e ao mesmo tempo divertem o público ouvinte.

NARRADOR 1: E o Cicerone do Museu do Ipiranga anuncia agora.

NARRADOR 2: UM POUCO DA CRONICA PITORESCA DA CIDADE DE SÃO PAULO!

(Barulho de pessoas na rua)

VOZ DE AMBULANTE: Água, água, água.

(música)

NARRADOR: Hoje em dia, quando a senhora abre a torneira de sua casa e...

VOZ DONA DE CASA: Mas o que é isso? Nem um pingo d'água na torneira outra vez. Mas já é o terceiro dia!

NARRADOR: Mais a senhora sabe, sabe que o povo de São Paulo certo dia se recusou a ter água encanada em casa? Ouça o que diz a voz da história:

NARRADORA: Naquele tempo, quando São Paulo estava amanhecendo para o progresso. Toda água era fornecida gratuitamente pelos chafarizes da cidade. Ali na rua Quirino de Andrade, ainda há um chafariz daqueles tempos, devidamente reconstituído. Surgiu então, a Companhia da Cantareira que se obrigava a fornecer água a todos os moradores da capital, em suas próprias casas e com encanamento. O povo dizia:

VOZ SR. VELHO: Isto são artes do Demo!

VOZ DONA DE CASA 2: Imagine, dentro de casa uma coisa que se abre da qual sai água!

VOZ SR. VELHO: Não... O pior é que temo que pagar até a água que bebemu.

NARRADORA: Não! Ninguém queria água. Apesar dos anúncios, dos (???), da amostra grátis que a Companhia da Cantareira forneceu a alguns. Ninguém arredava o pé da resolução. Até que a prefeitura mandou.

VOZ PREFEITO: Destruam todos os chafarizes da cidade!

(barulho construção)

NARRADORA: O povo... Protestou! E um dia, os operários iam para destruir um chafariz no Largo do Rosário, hoje Praça Antonio Prado. Quando...

VOZ HOMEM INDIGNADO: POVO DE SÃO PAULO. É UMA VERGONHA!
QUEM QUER QUE ELES DESTRUAM TAMBÉM ESSE CHAFARIZ? PARA NOS IMPOREM A ÁGUA ENCANADA!

(Barulho protestos)

NARRADORA: E quando o povo tentava linchar os operários. Chegaram os guardas municipais para garantir a destruição do chafariz.

VOZ HOMEM INDIGNADO: A ELES! AOS GUARDAS!!!

(Barulho de pessoas enfurecidas)

NARRADORA: Houve um verdadeiro conflito. E por muitos anos. A Companhia Cantareira não conseguiu dominar a situação. O seu povo... Era teimoso! Não queria a água do município.

NARRADOR: Vejam só como os tempos mudam. E dizer-se que a Companhia da Cantareira cobrava naquela época pelo fornecimento de água. A taxa trimestral de 500 réis.

(música)¹⁵

História da Literatura Brasileira: versões radiofônicas de clássicos da literatura

Seguindo esta linha de programas, Osvaldo Moles reúne amigos modernistas para estreiar no ano de 1952, o programa História da Literatura Brasileira. Com supervisão literária¹⁶ de Sergio Milliet, Jamil Almansur Haddad, Oswald de Andrade e orientação de Mario da Silva Brito o programa estreia na segunda-feira, 11 de agosto de 1952¹⁷, às 21h com o tema "o ambiente pré-romântico". A parte musical fica sob a responsabilidade do maestro Renato de Oliveira.

Uma das dificuldades que o programa encontrou para ir ao ar foi a questão do patrocínio. Acostumados com os sucessos dos humorísticos populares, os anunciantes olhavam com certa desconfiança este programa, duvidando do seu sucesso, porém com a boa audiência do programa "Museu do Ipiranga", Osvaldo Moles conseguiu convencer os diretores da Caixa Econômica Estadual de São Paulo a financiar a literatura transmitida via broadcast.

Desde a primeira peça da literatura brasileira, a carta de Pedro Vaz de Caminha até escritores do modernismo, o programa trabalhou grande autores como Gonçalves Dias e

¹⁵ Transcrição de trecho de um episódio do programa "Museu do Ipiranga", através do áudio gentilmente cedido pelo professor de história Romney Lima.

¹⁶ Nos roteiros originais, Osvaldo Moles utiliza a expressão "supervisão intelectual".

¹⁷ Fonte: Notinhas do Eter. Folha da Noite, 08 ago. 1952, p. 6.

Álvares de Azevedo. Quando falou de Castro Alves "O navio negreiro" foi adaptado para o rádio. Na segunda-feira, 15 de junho de 1953¹⁸, no ar estava José de Alencar, no dia 16 de novembro de 1953, era a vez de Euclides da Cunha¹⁹ ganhar destaque no programa que toda segunda-feira trazia um autor novo. Segundo depoimento do radialista Henrique Lobo, gravado para o Arquivo de Multimeios do Centro Cultural São Paulo, O "História da Literatura Brasileira" não teve audiência, porém "foi das coisas mais sérias que se fez no rádio". Porém, a Folha da Manhã de 16 de junho de 1953, trazia na página 6 do caderno Assuntos Gerais que o programa continuava a registrar elevado índice de audiência. Em entrevista para o jornal "O Tempo", publicada na edição de 31 de março de 1953, Osvaldo Moles declarava que "o programa está agora adquirindo corpo e alma e que vai penetrando nos lares dos radiouvintes já sem limpar os pés no capacho e sem pedir a cerimoniosa licença. Já não está, como no princípio, ocupando os lugares mais distantes nas pesquisas de audiência. O último boletim do IBOPE, por exemplo, o coloca em terceiro lugar, o que equivale dizer, levando-se em conta o número de outros programas do mesmo horário - uns doze mais ou menos - que essa audição está num dos primeiros lugares no sentido de números de ouvintes." (MICHELETTI, 2012, pp. 200–201)

Segundo os depoimentos registrados na citação acima, acredito que o programa História da Literatura Brasileira conseguiu superar o desafio de apresentar textos clássicos da literatura brasileira para a massa, também se mostrando viável do ponto de vista comercial.

Sistema RB-55: Introdução dos blocos comerciais no Brasil

Como a grande maioria dos radialistas de sua época, Osvaldo Moles sempre contribuiu para o departamento comercial das emissoras em que trabalhou. No entanto, na PRH-9 Rádio Bandeirantes, participa de uma mudança que entra para a história da publicidade brasileira. Em 1955, o psicólogo argentino Carlos Pedregal, também conhecido como Prof. Baskaran, reúne uma equipe composta por Osvaldo Moles, Júlio Atlas e Henrique Lobo para criar o Sistema RB-55, responsável por incorporar blocos comerciais na grade de programação da emissora. O novo sistema propõe rápidos diálogos, de curta duração, para divulgar os anunciantes.

J. Araujo e cia apresenta / Tuiti / Tecidos Tuiti, tipo esporte em belas padronagens. / J araujo e Cia. / Avenida Casper Libero, 79.

(Vinheta)

Não sei o que faço hoje pro almoço. / Você sabe que os cereais do Moinho Santa Rosa dão quitutes deliciosos / Fuba mimoso, canjica, flor de milho, produtos do Moinho Santa Rosa.

(Vinheta)

O senhor tem fósforo aí? / Eu tenho fósforo, cálcio, ferro / Ah! Então o senhor é Toddy?²⁰

¹⁸ Conforme jornal Folha da Manhã de 16 de junho de 1953 – caderno Assuntos Gerais – pág. 6

¹⁹ Conforme jornal Folha da Manhã de 12 de novembro 1953 – caderno Assuntos Gerais – pág. 7

²⁰ Transcrição nossa de trecho de áudio com propagandas veiculadas pelo Sistema RB-55, gentilmente cedido pelo Prof. Marcelo Abud.

Mensagens criativas eram preparadas para serem interpretadas pelo elenco de radioatores da emissora e iam ao ar de meia em meia hora. Com uma vinheta musical marcando a passagem entre uma publicidade e outra, a rádio Bandeirantes veiculava até 10 anúncios com apenas 10 segundos cada. A operação ousada deixou a rádio de um dia para o outro sem anunciantes, mas poucos meses depois, as agências de publicidade enfrentavam filas para que seus clientes pudessem ser divulgados. Surge os blocos comerciais, conforme explica Marcelo Abud, "o impacto da novidade é enorme e dá origem ao que hoje chamamos corriqueiramente de bloco comercial, em qualquer emissora de rádio e de televisão no Brasil" (ABUD, 2012).

Referências

- ABUD, M. Rádio Bandeirantes: Sistema RB-55. , 2012. São Paulo: Entrevista concedida à Bruno Micheletti, realizada em 07 fev. 2012.
- ADAMI, A. **O rádio com sotaque paulista: Pauliceia Radiofônica**. São Paulo: Editora Mérito, 2014.
- CAMPOS JR., C. DE. **Adoniran: uma biografia**. 2nd ed. São Paulo: Globo, 2009.
- JUNIOR, C. J. B. **O pioneirismo do programa de rádio “o pulo do gato”, na Bandeirantes**, 2015. Universidade Paulista UNIP.
- MARQUES DE MELO; SATHLER. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UESP, 2005.
- MATOS, M. I. S. DE. A cidade que mais cresce no mundo: São Paulo território de Adoniran Barbosa. **São Paulo Perspec. [online]**, p. vol.15, n.3, pp. 50–57, 2001. São Paulo. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300008>>. .
- MICHELETTI, B. D. **Oswaldo Moles - o intelectual que falou com o povo: a trajetória de um pioneiro no rádio paulista**. 1st ed. São Paulo: Trabalho de Conclusão de Curso (UNIP), 2012.
- MICHELETTI, B. D. **Oswaldo Moles: o legado do radialista**, 2015. Universidade Paulista (UNIP).
- MOREIRA, S. V. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.
- NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. 3rd ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, J. DE. O Rádio no Brasil - Introdução. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.locutor.info/index_bbc_o_radio_no_brasil.html>. Acesso em: 18/3/2016.
- ZUCULOTO, V. R. M. **A Época de Ouro do Rádio Educativo: a consolidação da instrução pelas ondas radiofônicas estatais/públicas**. Caxias do Sul, 2010.